

OBJETIVAÇÃO E TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA EM ENTREVISTAS DE PESQUISA COM JORNALISTAS: ANÁLISE DE UMA CARREIRA PROFISSIONAL

Fábio Henrique Pereira¹

RESUMO:

Este artigo discute o estatuto concedido aos dados gerados por meio de entrevistas de pesquisa com jornalistas e busca avançar na definição de recursos e estratégias de confrontação, triangulação e objetivação desses relatos. A proposta de um modelo de análise de entrevistas é ilustrada a partir do relato da carreira profissional de uma jornalista. Destaca-se a importância da utilização de categorias que se constituam em um espécie de interstício entre a subjetividade da narrativa individual e as propriedades macrosociais. Além disso, pesquisador deve empreender um esforço de desconstrução do discurso do jornalista entrevistado, contextualizando sua narrativa em uma grade analítica teoricamente fundamentada ou se utilizando de dados empíricos de outras pesquisas sobre temas correlatos.

Palavras-Chave: *entrevista; jornalista; identidade profissional; carreira; objetivação*

¹ Fábio Henrique Pereira é professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e pesquisador-associado ao Núcleo de Estudos Sobre Mídia e Política (Nemp/UnB) e ao Centre de Recherches sur l'Action Politique en Europe (Crape/França). Escreveu o livro *Jornalistas intelectuais no Brasil*.

Introdução

Em trabalhos recentes, temos discutido o status da entrevista de pesquisa no jornalismo, em particular em estudos sobre identidade profissional. Mas a aplicação dessa metodologia depende da compreensão de seus limites e potencialidades como modalidade de investigação do mundo social. Depende da capacidade do pesquisador de lidar com mecanismos que permitam a objetivação e mesmo a generalização de conclusões de caráter microssociológico, obtidas por meio de entrevistas de pesquisa.

O que justifica a aplicação da entrevista como metodologia nas Ciências Sociais é o fato de que as narrativas individuais podem ser reveladoras de aspectos da cultura, das normas institucionais e das estruturas de uma sociedade. Elas revelariam a forma como as pessoas buscam lidar com seus problemas em situações concretas (Heniz & Krüger, 2001, p. 33). Darmon (2008), fazendo referência aos trabalhos de Hughes, explica que esse processo se materializa nas definições construídas pelos entrevistados e que serão, em seguida, confrontadas pelo pesquisador por meio da utilização de um repertório de categorias de análise. Tal estratégia permitiria romper com a estrutura do discurso do entrevistado – que tende a obscurecer certas propriedades sociais na narrativa de um caso específico –, promovendo a agregação de idiosincrasias no âmbito de uma coletividade. Isso resultaria em um processo de objetivação dos dados gerados nesse tipo de investigação.

O estatuto epistemológico concedido aos dados gerados por meio de entrevistas e suas estratégias de objetivação têm sido razoavelmente aceitos e discutidos na comunidade científica. Contudo, sua transposição para situações concretas de pesquisa, notadamente no campo do jornalismo, nem sempre acontece. Durante a análise de um conjunto de entrevistas com jornalistas, é possível que o pesquisador incorra em alguns erros. Pode, por exemplo, neutralizar os dados da entrevista, que passam a ser vistos como realidade objetiva e não como um discurso a ser interpretado, trabalhado e questionado. Nesse caso, o processo de agregação dos dados se faz por meio da simples aglutinação de um conjunto de respostas mais ou menos semelhantes, deixando de compreender as interpretações subjetivas que os entrevistados atribuem às suas próprias experiências. Um segundo problema estaria no uso indiscriminado de inferências externas ao discurso analisado. Na falta de elementos objetiváveis identificados na narrativa do entrevistado, o pesquisador acaba ensaiando algumas interpretações livres, desconectadas das respostas do informante. Ele pode, finalmente, pecar pela timidez na

produção de interpretações e generalizações, resultando em relatos de pesquisa exploratórios ou descritivos.

Tais limitações no uso da entrevista de pesquisa também ocorrem em campos do conhecimento (Cf. Poupart, 2008). Nas investigações em Jornalismo, contudo, nem sempre elas são devidamente problematizadas – pela relativa carência de discussões metodológicas específicas nessa área (Machado, 2010)². Também, com raras exceções (Broustau et al. 2012; Pereira e Naves, 2013; Marocco, 2012), pouco se discute sobre as especificidades dos procedimentos de condução da interação e de análise de entrevistas de pesquisa com jornalistas.

Nosso objetivo aqui é retomar a discussão sobre o estatuto concedido aos dados gerados por meio de entrevistas com jornalistas e avançar na definição de recursos e estratégias de confrontação, triangulação e objetivação desses relatos. A ideia é, a partir das discussões de caráter teórico/metodológico, sugerir algumas soluções e técnicas para o tratamento de entrevistas com jornalistas, aplicadas sobretudo aos estudos de carreira e identidade profissional.

Nossa proposta será ilustrada por meio da análise de *uma* entrevista de pesquisa que trata do estudo da carreira profissional de *uma* jornalista. Temos consciência das limitações impostas pela utilização de apenas caso e não temos pretensão de validar ou produzir generalizações a partir desta análise. Nossa preocupação é promover uma discussão de caráter metodológico, sem adentrar na discussão de resultados empíricos.

Carreiras, escolha e mundo social: as dinâmicas de uma profissão

Nossa grade de análise se fundamenta em uma tradição interacionista e etnometodológica de estudos em sociologia profissional. De forma bastante sucinta, essa perspectiva se afasta do paradigma funcionalista, pois rejeita a ideia de profissão como um grupamento estável e homogêneo, definido por meio de representações dominantes, normativas, e que visam assegurar a coesão do grupo profissional na sua relação com a estrutura social (a ideia do jornalista como um informante da sociedade, responsável pela fiscalização dos poderes e pela manutenção da democracia) (Ruellan, 1993). As profissões, seriam “uma agregação de segmentos que seguem objetivos diversos, mais ou menos

² Uma exceção é o livro *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo* (Editora Vozes, 2010).

agrupados de forma sutil sob uma apelação comum a um período particular da história³” (Bucher e Strauss, 1992, p. 64). Tais segmentos evoluíram de forma contínua. Eles estabeleceriam relações de interdependência (entre si, com outros segmentos, com outros espaços sociais) no interior de um quadro organizacional (p. 83).

Esta ancoragem teórica tende a ressaltar o aspecto negocial e evolutivo das dinâmicas de uma profissão. Para construir nosso quadro de análise, vamos materializar essa processualidade no estudo das carreiras jornalísticas (e as escolhas que acontecem no decorrer desse tipo de trajetória). Serão utilizados, para isso, alguns pressupostos dos trabalhos de Becker (1982; 2009), Bucher e Strauss (1992) e Menger (2009).

Howard Becker tende a destacar a dualidade das dimensões individual e coletiva de uma carreira. Para ele, o desenvolvimento de carreiras normais ou desviantes, depende de uma miríade de escolhas empreendidas pelos indivíduos no decorrer de suas trajetórias a partir das interações com outros atores. Ao mesmo tempo, remete a processos de definição e de rotulação, objetivados e permanente renegociados em um mundo social. Assim, ao se estudar uma carreira, é preciso analisar a trajetória de quem pratica determinada atividade, mas também as práticas dos atores sociais responsáveis por definir essa carreira. Para Becker, a margem de escolha do indivíduo é sempre delimitada, negociada no âmbito de rede de atores que definem as condições de exercício de uma atividade, mas também as próprias opções de escolha. Isso não significa que os praticantes não possam inovar, seguir rumos distintos do previsto no âmbito da carreira escolhida, mas os constrangimentos impostos pelas convenções pressupõem que qualquer mudança deve ser negociada e aceita pelos membros. O resultado dessas negociações explicaria a ocorrências de processos de mudança, segmentação, marginalização ou mesmo de exclusão de um determinada carreira.

Em Bucher e Strauss, as carreiras se inserem nas articulações e negociações que os diferentes segmentos empreendem no interior de uma organização. Os autores tentam mostrar como grupamentos que possuem posições e interesses distintos ou divergentes conseguem se coordenar e se constituir enquanto amálgama (frouxo) no âmbito de uma profissão. Enfatizam as eventuais alianças, disputas e relações de confraternidade intra e inter-segmentos, como mecanismos que delimitam os processos de escolha. Também destacam a forma como o aparato ideológico e conceitual de um segmento participa dessas negociações.

³ Tradução de: “agrégation de segments poursuivant des objectifs divers, plus ou moins subtilement maintenus sous une appellation commune à une période particulière de l’histoire”.

Do livro de Pierre Michel Menger, vamos reter o conceito de “princípio de incerteza” – aplicado à análise das carreiras artísticas. Segundo ele, a ausência de mecanismos objetivos capazes de explicar o sucesso ou a estabilidade nesse conjunto de atividades resulta em carreiras que se estabelecem a partir de numerosas transações entre o artista e diferentes empregadores. Nelas o artista busca não só remuneração, mas benefícios simbólicos: o aprendizado, a possibilidade de experimentação, a construção de uma reputação. O sucesso da carreira dependeria não só do esforço ou da competência do artista, mas na sua capacidade de se relacionar com as instâncias de avaliação da qualidade de uma obra e de construir redes de contato, de produzir mecanismos de autorreforço.

A transposição do princípio da incerteza para a análise da carreira jornalística é imperfeita. Por um lado, as mudanças no mercado de trabalho e a precarização do estatuto profissional resultam em relações de trabalho cada vez menos estáveis (Figaro, 2013). Além disso, existe consenso (Cooper e Tang, 2010; Frith e Meech, 2007) de que, de forma análoga ao mundo das artes, no jornalismo, o impacto dos mecanismos formais de qualificação (universidade, cursos, estágios) como instrumentos de acesso ao mercado de trabalho e de garantia de sucesso na carreira é limitado. Por outro lado, diferente das carreiras artísticas, uma parte considerável dos empregos em jornalismo são oferecidos por meio de contratos de trabalho regulares em organizações midiáticas ou em assessorias de comunicação (Mick e Lima, 2013)⁴. Isso tende a atenuar a instabilidade da carreira e ainda permite que o neófito empreenda um planejamento mínimo sobre sua trajetória.

Operacionalização do referencial teórico

Nossa perspectiva precisaria, é claro, ser melhor desenvolvida. Contudo, não é o nosso objetivo aqui construir uma teorização avançada para o estudo das carreiras jornalísticas. Buscamos mostrar como uma teorização – mesmo que incipiente – pode ser operacionalizada a partir de um conjunto de conceitos-chave que permitam a leitura de uma entrevista de pesquisa com jornalistas.

Partindo dessa teorização, esboçamos, a seguir, um conjunto de pressupostos que sustentam nossa grade de análise:

⁴ Apesar disso, observa-se uma tendência de flexibilização das relações no jornalismo, aproximando-os a outros estatutos precários ou instáveis, como mostram os trabalhos de Adghirni (2001), Figaro (2013) e Silva (2014).

1. A intersecção entre a experiência biográfica do indivíduo e a estrutura de uma carreira (dados objetiváveis) se faz presente nos diferentes momentos de escolha (Becker, 1982).

1.a. As escolhas são delimitadas pela forma como o indivíduo se situa no conjunto de mecanismos objetivos que definem uma carreira: salário, reputação, legitimidade, etc. Nesse momento, ele avalia sua experiência passada e futura. As condições objetivas da carreira são confrontadas por sentimentos de ordem pessoal (frustração, satisfação, estagnação) e pela forma como o indivíduo se insere e se articula no interior do segmento profissional.

1.b. Uma escolha envolve uma dimensão contextual: o indivíduo resolve/é chamado a decidir sobre sua carreira. Essa interação remete a um outro imediato (o chefe, o colega, a família, etc.) que participa da tomada de decisão. Para além das situações concretas de escolha, contudo, existem uma dimensão mais “estrutural”, que define a carreira e as próprias condições de tomada de decisão.

1.c. Ao fazer uma escolha, o indivíduo leva em consideração elementos da ideologia profissional, a forma como sua prática é percebida é representada socialmente. A ideologia pode ser reforçada e utilizada como justificativa para certas escolhas (por exemplo, escolher a autonomia em vez do cargo ou do salário; legitimidade junto ao público em vez de qualidade de vida). Mas também pode ser revista ou adaptada conforme a situação. Nas duas possibilidades, o indivíduo busca articular discursivamente sua escolha à ideologia profissional – é preciso que a escolha faça sentido para ele e seus interlocutores. O estudo das escolhas tomadas de uma carreira profissional é indissociável do processo de gestão da imagem pública dessa prática (o que não significa que as duas coisas se confundam).

2. Uma entrevista é também um discurso que o indivíduo emite sobre si e sobre um objeto social. Nesse processo, busca reconstruir sua experiência em vista de si, do entrevistador, e de um público (real ou imaginário) (Poupart, 2008). As situações narradas, as avaliações que o entrevistado faz sobre a sua trajetória e sobre o jornalismo não podem ser tomadas ingenuamente como “fatos objetivos”. E o processo de interpretação e produção de

inferências e generalizações a partir de entrevistas deve ser (re)contextualizado, de forma a resituar o discurso individual às suas condições de produção. Nesse caso, a opção metodológica seria a de complementar, confrontar, enriquecer as ocorrências narradas. Isso pode ser feito por meio da multiplicação de casos estudados - mecanismos de agregação qualitativa (Darmon, 2008) – ou, no caso específico deste artigo, pela triangulação da entrevista com dados oriundos de outras investigações empíricas (Duarte, 2003).

Partindo desses pressupostos, foi possível operacionalizar uma grade de análise aplicada à carreira de uma jornalista. Nosso foco são as escolhas feitas pela informante no decorrer de sua trajetória. Por questões práticas, as falas foram editadas de forma a manter o fluxo da narrativa, evitando também traços de coloquialidade.

Análise da carreira de uma jornalista

Nossa informante é uma mulher, com 30 anos na época da entrevista (abril de 2012). Fazia cobertura política em Brasília para um portal de internet. Com menos de dez anos de profissão, estava em seu oitavo emprego – isso sem contabilizar estágios, experiências como *free lancer* e contratos temporários em veículos jornalísticos e em assessorias de imprensa. A entrevistada fez curso superior em Comunicação Social/Jornalismo, em uma universidade privada de São Paulo e vivenciou a maior parte da sua experiência profissional na capital paulista. Mora no Distrito Federal desde 2010. Durante a entrevista, embora não tenha demonstrado arrependimentos em relação à carreira, assumiu uma posição bastante crítica sobre a prática jornalística e sua trajetória na profissão.

A seguir apresentamos a narrativa editada e analisada. Na coluna *Situação de escolha*, analisamos os diferentes momentos da trajetória da informante partindo das discussões empreendidas acima, nos itens 1a à 1c de nossa grade analítica; na coluna *Contextualização da ocorrência narrada*, produzimos inferências a partir da triangulação dos dados da entrevista com categorias de pesquisa e com resultados de estudos correlatos.

Ocorrência narrada	Situação de escolha	Contextualização da ocorrência narrada
<p>1. A imagem da profissão Sobre os motivos que a levaram a se tornar jornalista: “A profissão é como um sacerdócio”.</p> <p>O jornalista seria o “intermediário, entre o fato e o ouvinte, o público”. Ele está “presente” durante a ocorrência dos fatos. O jornalista deve “transmitir os dois lados”.</p>	<p>A resposta tende a reproduzir elementos da ideologia profissional: a imagem do jornalista como informante do público.</p> <p>Não é possível inferir se a definição da profissão expressa pela entrevistada teve efetivamente participação na escolha da carreira ou se trata-se de um justificativa articulada por ocasião da entrevista.</p> <p>A resposta, contudo ilustra o processo de circulação do discurso normativo sobre o papel do jornalista na sociedade entre os profissionais e possivelmente entre os aspirantes.</p>	<p>Estudos sobre ideologia profissional no jornalismo (Deuze, 2005; Pereira, 2013; 2014) e sobre as tipologias de papéis sociais geralmente associados aos jornalistas (Cassidy, 2005) tendem a assinalar a importância do papel de informante na construção dos valores e da imagem da profissão.</p>
<p>2. A motivação pessoal “Eu estava na 8ª série quando fiz minha primeira reportagem. Foi para o jornal da escola. Foi a minha primeira experiência com o jornalismo (...). Eu sempre gostei de ler. Eu sempre gostei de me comunicar e de passar a diante algo que eu aprendi”.</p>	<p>A escolha é o resultado de uma reinterpretação das experiências individuais a luz das competências individuais e daquelas associadas à profissão.</p> <p>O discurso da informante tende a reforçar a importância do talento e das habilidades pessoais (ser curioso, gostar de ler e escrever) como pré-requisitos para a escolha e acesso ao jornalismo.</p> <p>Neste trecho, a entrevistada busca articular a experiência pessoal com a representação do jornalista-informante expresso pela ideologia profissional.</p>	<p>Há poucos registros empíricos sobre o processo de circulação social de representações sobre a carreira jornalística (Cf. Senra, 1997). A informante tende a reforçar a imagem de uma carreira que depende da posse de talento e de um conjunto <i>soft skills</i> associadas à profissão (ser comunicativa, escrever bem), mais do que do aprendizado via formação específica (Cf. Cooper e Tang, 2010).</p> <p>Enquete realizada com estudantes de Jornalismo de seis universidades brasileiras mostra que</p>

		<p>36% dos respondentes teriam escolhido o jornalismo pela afinidade com a profissão e 27,8% por conta do talento para escrever (Pereira, Moura, Lima e Pires, 2013). O apelo intrínseco exercido pelas tarefas jornalísticas e a existência de experiências prévias na profissão também aparece entre as principais causas de escolha do jornalismo nos Estados Unidos, segundo Weaver et. al. (2009).</p>
<p>3. O momento de começar um estágio</p> <p>“Eu acabei colocando umas coisas na minha cabeça que, hoje em dia, vejo que não era necessariamente verdade. Achava que nos dois primeiros anos eu ia me concentrar nos estudos para nos dois anos seguintes procurar um estágio (...). Foi dessa forma que eu agi”.</p> <p>“Depois vi que outros colegas foram por outros caminhos. O problema é que o trabalho absorve muito tempo e sobra menos tempo para estudar. E acho que aquele momento é realmente importante para o estudo. Comecei a fazer estágio no terceiro ano do curso”.</p>	<p>A escolha expressa uma posição de planejamento individual, que é confrontada com a representação típica carreira partilhada pelos pares.</p> <p>A escolha atípica, por outro lado, também se insere em quatro organizacional: a grade curricular dos cursos de Comunicação, que busca conciliar uma base teórica e uma formação prática, sobretudo nos dois últimos anos do curso.</p> <p>O ingresso precoce nos estágios pode ser visto como uma estratégia de gestão de incertezas e de antecipação das condições de concorrência no mercado de trabalho. A referência à trajetória dos colegas parece sugerir isso.</p>	<p>Segundo enquête realizada por Mick e Lima (2013), apenas 23,7% dos jornalistas em atividade no ano de 2012 não haviam tido experiências de estágio.</p> <p>Já entre os estudantes de Jornalismo que participaram do Enade 2012, apenas 16,7% não haviam estagiado (Inep, 2012).</p> <p>Não existem estudos conclusivos que indiquem uma correlação positiva entre o estágio e o ingresso no mercado de trabalho (ou o sucesso profissional), mas o discurso dos jornalistas tende a defini-lo como uma instância de socialização e um primeiro contato com a profissão (Cf. Pereira, 2013; Pereira, Lima,</p>

		Travassos e Oliveira, 2013)
<p>4. O primeiro estágio “No meu primeiro trabalho em algo ligado diretamente a jornalismo, eu fazia clipping eletrônico”.</p> <p>“E eu tinha que procurar rapidamente em todos os jornais o que interessava para o meu cliente.</p> <p>“Você aprende agilidade, aprende a bater o olho e ver a onde tá a notícia”.</p>	<p>Não há explicação sobre o contexto de escolhas do primeiro estágio.</p> <p>A experiência é avaliada pela informante em termos de aprendizado.</p>	
<p>5. O segundo estágio “Consegui estágio em uma revista sobre Viagens de Negócio. E foi uma outra experiência interessante. Eu cheguei a viajar pela revista”.</p>	<p>Não há explicação sobre o contexto de escolhas do segundo estágio.</p> <p>Avaliação da experiência é feita em termos de aprendizado e satisfação pessoal.</p>	
<p>6. O funcionamento do processo de seleção de estagiários “Quando eu era mais nova, sempre enviava meu currículo, fazia entrevista, fazia um teste, esperava e era convidada. Eu tinha de passar por todas as etapas nesses primeiro empregos justamente por não conhecer ninguém que pudesse me indicar”.</p>	<p>Escolha é delimitada pelos constrangimentos organizacionais na imposição de normas de contratação de estagiários.</p> <p>Observa-se um fenômeno de “profissionalização” do processo de contratação nas empresas de mídia – com incorporação de algumas práticas de RH. Tal lógica convive com mecanismos tradicionais de seleção: indicações pelos pares e construção de uma reputação no meio.</p>	<p>Enquête realizada por Mick e Lima (2013) tende a revelar essa dualidade nas modalidades de indicação. Segundo os autores, 42,4% dos jornalistas-respondentes teriam sido ingressado no trabalho atual meio de “formas abertas de contratação” (processo seletivo, programas de <i>trainee</i>, efetivação de estagiários, concurso público), enquanto 43,9% teriam se utilizado de “formas fechadas de contratação” (convites, indicações)</p>
<p>7. O terceiro estágio “Logo depois daí surgiu uma oportunidade de fazer um</p>	<p>Escolha reflete uma conciliação entre a oportunidade que aparece e a</p>	<p>Pesquisa feita por Pereira, Lima, Travassos e Oliveira (2013) junto</p>

<p>estágio numa rede de TV. Foi praticamente um novo vestibular. Eu concorri. Eram mais de 19 pessoas por vaga”.</p> <p>“Passei e fui trabalhar nos jornais da emissora. Como era estagiária, fui designada para um horário bizarro: meia-noite às 7h. Trabalhava para o jornal da manhã”.</p>	<p>competência individual que permite a qualificação no processo seletivo.</p> <p>Existe uma lógica de progressão (em termos de legitimidade e responsabilidade) na narrativa sobre a passagem pelos três estágios: de uma empresa de clipping, para uma revista segmentada para uma emissora de TV. Isso revela um planejamento mínimo em termos de experiências pré-laborais.</p>	<p>aos relatórios de estágio dos estudantes da Universidade de Brasília sugere uma inversão do tipo de organização que recebe estagiários no decorrer de uma formação: dentre os estudantes do 3º ano, há uma predominância de estágios em assessorias de comunicação (a princípio, menos reputados), no 4º, predominam os estágios em empresas de mídia.</p>
<p>8. O primeiro emprego: TV “Fui efetivada ali. Fazia de tudo dentro TV, com exceção de reportagem na rua. Eu até acompanhava o repórter, mas nunca gravava”.</p> <p>A informante descreve o processo de ingresso no mercado de trabalho como um momento de “tensão”. Segundo ela, para a empresa não havia interesse em contratar jornalistas que ganham “o dobro” e “podem incorrer em erros da mesma forma que o estagiário”.</p>	<p>A informante destaca a polivalência como um mecanismo para minimizar a incerteza da primeira contratação.</p> <p>A contratação depende das condições do mercado de trabalho e da situação da empresa.</p> <p>Não há menção clara há mudanças de caráter identitário resultantes da contratação. De fato, parece que as experiências pré-laborais permitem antecipar o ingresso no mercado de trabalho e o própria mudança de estatuto, quando um aspirante tornar-se-ia, de fato, um jornalista. Isso parece acontecer antes do término do curso superior.</p>	<p>Vários estudos sobre as novas configurações do mercado laboral e em particular do jornalismo (Cf. Deuze e Marjoribanks, 2009; Figaro, 2013; Jorge, Pereira e Adghirni, 2011) tendem a enfatizar a polivalência como um atributo capaz de minimizar a insegurança na profissão.</p>
<p>9. Demissão do primeiro emprego “Naquela empresa há sempre mudanças de direção. Infelizmente, cheguei no meio desse processo. Fiquei três meses. Logo fui demitida</p>	<p>A demissão foge ao controle da informante – situação de incerteza.</p>	

junto com mais dois terços da redação”.		
10. O retorno à TV “E dali dois meses me chamaram novamente. O mesmo chefe me chamou porque reabriram as vagas e eu fiquei um ano e meio ali”	O retorno se explicaria pela reputação, pelo reconhecimento da competência da informante pelo chefe.	
11. Duplo emprego Ao mesmo tempo em que trabalhava na TV, a jornalista “tinha outro trabalho, numa assessoria de imprensa para um projeto da comunidade europeia com a prefeitura de São Paulo”. Isso reduziu a tensão em torno da contratação/demissão/recontratação na TV	Segundo emprego como uma forma de lidar com a incerteza.	Segundo enquete de Mick e Lima (2013), 27% dos jornalistas em atividade em 2012 teriam mais um emprego na área.
12. Empregos temporários Após a segunda demissão na TV, a jornalista ficou quase um ano trabalhando como free-lancer: “fazia alguns trabalhos de assessoria, frilas para algumas revistas, e ia seguindo, fazendo traduções, dando algumas aulas”.	Escolhas motivadas pelas condições do mercado de trabalho. Gestão de incerteza	Segundo enquete de Mick e Lima (2013), 11,9% dos jornalistas que trabalham em veículos de comunicação em 2012 possuem o estatuto de <i>free-lancer</i> . Estudos sobre o mercado de trabalho dos jornalistas na Europa (Devillard, 2002; Pilmis, 2007) revelam um aumento das atividades exercidas sob estatutos precários, particularmente os free-lancers (“pigistes”), nos primeiros anos de ingresso na profissão.
13. O terceiro emprego: rádio Após um trabalho de free-lancer, consegue ser contratada por uma rádio. “Trabalhei uns três meses lá e, por incompatibilidade de	Escolha motivada por problemas na relação com os pares.	A importância de uma boa relação com as chefias aparece principalmente em estudos sobre rotinas produtivas no jornalismo, mas tem sido negligenciada em

<p>gênios com a chefia, saí.</p>		<p>pesquisas sobre mercado de trabalho e carreira profissional – uma das raras exceções é o trabalho de Fígaro (2013).</p> <p>Em uma enquête feita com estudantes de cinco universidades brasileiras o item “ter chefes que apreciam o meu trabalho” teve uma avaliação menor do que outros benefícios materiais e simbólicos associados à carreira (Pereira e Sousa, 2012).</p>
<p>14. O quarto emprego: assessoria de imprensa A jornalista informa que passou oito meses trabalhando em uma assessoria de imprensa</p>	<p>Não há explicação sobre o contexto de escolhas do emprego.</p>	
<p>15. O quinto emprego: rádio A jornalista menciona que começou a trabalhar em outro rádio de notícias.</p>	<p>Não há explicação sobre o contexto de escolhas do emprego.</p> <p>Trata-se do quinto emprego em menos de quatro anos, sem contar a situação de duplo emprego e os contratos de <i>free-lancer</i> (não contabilizados)</p> <p>Há uma grande similitude entre esta primeira etapa da carreira da informante e a estrutura das carreiras artísticas, descritas por Menger (2009).</p>	<p>Enquête de Mick e Lima (2013) aponta para o fato de que 70,7% dos respondentes possuem até cinco vínculos profissionais diferentes em suas carreiras. Também mostra de que não há uma relação linear entre o tempo de carreira e o número de vínculos.</p>
<p>16. Mudança na forma de contratação Questionamos se a contratação ainda era feita por meio de processo seletivo:</p>	<p>O discurso evidencia uma nova etapa no desenvolvimento da carreira (e uma possível mudança estatutária), expresso pela mudança nas condições de</p>	<p>Ver Ocorrência n. 06.</p>

<p>“Com 20 anos você faz teste de seleção para um emprego. Se você tem 24, você já começa a se cansar. Com 30, você fala: ‘amigo lê as coisas que eu escrevi. Você acha que vale a pena?’. Hoje em dia eu acho que o networking vai te ajudando a ser selecionado”.</p>	<p>contratação, baseada na reputação adquirida no meio. Essa mudança objetiva é interiorizada pela jornalista, quando diz que não aceita mais ser contratada por processo seletivo.</p>	
<p>17. A mudança para Brasília A informante informa se mudou para Brasília por motivos pessoais</p>	<p>A dimensão pessoal também participa das escolhas feitas no âmbito de uma carreira.</p>	
<p>18. O sexto emprego: portal de internet Alguns meses após chegar a Brasília, a jornalista consegue um emprego num portal de internet. Após seis meses, começa a perceber sinais de mudanças na direção que poderiam levar a outra onda de demissões. Ela começa a procurar outro emprego.</p>	<p>Experiência pessoal permite à informante antecipar as dinâmicas do mercado de trabalho e pautar suas próprias escolhas.</p>	
<p>19. O sétimo emprego: TV A informante começa a trabalhar em outro canal de TV. “Comecei como chefe de produção. E era uma loucura. E eu entrei lá odiando e sai feliz, porque queria sair de lá”.</p> <p>“Mas, enfim a gente tem que trabalhar, não dá pra se dar o luxo de ficar dois meses sem emprego”.</p>	<p>Escolha orientada para gestão das incertezas.</p>	
<p>20. Tentativa de mudar de emprego Enquanto ainda trabalhava na TV, a informante decide se candidatar a uma vaga para um portal de internet, mas</p>	<p>Escolha é limitada pelas condições do mercado de trabalho.</p>	

<p>não consegue ser contratada: “eles pegaram alguém mais experiente na cobertura de Brasília”.</p>		
<p>21. O oitavo emprego: portal de internet</p> <p>“Na época do sexto emprego, mandei o meu currículo para esse portal e o chefe chegou a conversar comigo por telefone, mas a vaga não rolou. Quando viu o meu currículo de novo, ele se lembrou de mim. Fui para a cidade-sede do portal, conversei com eles numa entrevista e fechamos”.</p> <p>Entrevistada afirma estar satisfeita no atual emprego.</p>	<p>Escolha se efetiva pela construção de uma reputação (entre os pares) e pela gestão de uma rede de contatos capaz de garantir novas oportunidades de trabalho.</p> <p>O desejo inicial da informante é limitado pelas condições da empresa/mercado de trabalho, que define o número de vagas disponíveis naquele momento.</p>	
<p>22. Sobre a rotatividade de empregos no jornalismo</p> <p>“Seria devido à questão salarial. Paga-se muito mal no jornalismo. Se aparece um lugar onde as condições de trabalho são melhores, ou o ambiente é melhor, ou o salário é melhor, a pessoa simplesmente troca”</p> <p>“Em geral as pessoas que trabalham nessa área têm interesses múltiplos e aproveitam as oportunidades porque o salário é baixo, o trabalho é árduo, então não se cria um vínculo com a empresa”.</p>	<p>Primeira explicação: escolha se efetiva pela busca de uma melhor remuneração, e que deve ser gerida em um ambiente de instabilidade e baixos salários.</p> <p>O salário é novamente mencionado, mas a informante também faz referência a um elemento da imagem da profissão, de um “espírito desbravador”</p>	<p>Ver questão da polivalência (Ocorrência 08) e da rotatividade (Ocorrência 15)</p>
<p>23. Avaliação da trajetória pelo viés da experiência adquirida</p> <p>“Trabalhei em agência de comunicação, assessoria de imprensa, TV, Rádio e agora com internet. Então eu passei</p>	<p>A informante reconstrói a carreira como uma espécie de trajetória linear, de aquisição de experiências e competências para dar conta da diversidade de interesses e permitir alcançar um emprego</p>	

<p>por todos os meios, com exceção do jornal. Passei também por revista”.</p> <p>“Muitas coisas me interessam. E agora eu acho que estou mais próxima daquilo que eu realmente gosto de fazer hoje”.</p>	<p>satisfatório.</p> <p>Essa dimensão individual da narrativa da entrevista deve ser recontextualizada nas explicações anteriores, que remetem ao fator contextual de várias escolhas e da própria estrutura do mercado de trabalho.</p>	
<p>24. Avaliação da trajetória pela lógica das posições e benefícios previstos na carreira</p> <p>“Eu sou repórter. Pra onde vou subir hierarquicamente? Vou ser editora? É meu interesse ser editora? Não se tem uma hierarquia muito grande no jornalismo. Então por isso essa movimentação dentro da mesma área, entre mídias”</p> <p>“Muitos colegas não têm o menor interesse em ser chefe. Não é algo que vá realmente me satisfazer pessoalmente ou profissionalmente”.</p> <p>“O que eu vejo ao longo dos anos é cada dia mais nossa profissão sendo mantida por gente jovem na rua. E as pessoas mais velhas acabam optando por cargos ou trabalhos que remunerem mais e onde se trabalhe menos”.</p>	<p>A informante avalia a carreira em termos de afinidades.</p> <p>Reforço do princípio de autonomia do jornalismo.</p> <p>Em seguida, faz uma avaliação das condições objetivas de ascensão na profissão e que levariam a uma divisão de trabalhos entre jornalistas mais jovens e mais velhos.</p> <p>Nas duas avaliações, as condições objetivas da carreira jornalística aparecem mescladas a questões de ordem individual/pessoal: afinidade no exercício de algumas tarefas, busca por melhor qualidade de vida, etc.</p>	<p>Estudo realizado por Fígaro (2013) com jornalistas de São Paulo explica a relação entre perfis profissionais e fatores geracionais e destaca a dificuldade de planejamento da carreira entre os jornalistas mais velhos.</p> <p>Entrevistas biográficas conduzidas por Adghirni (2013) com jornalistas com mais de 50 anos dialoga com a afirmação da informante: as condições de trabalho tendem a “expulsar” os jornalistas mais velhos dos trabalhos de reportagem. Aqueles que ainda se mantêm nesse tipo de função justificam a escolha por questões de afinidade.</p>
<p>25. Avaliação da trajetória pela lógica das expectativas criadas em torno da profissão</p> <p>A informante acredita a motivação que a levou a escolher o jornalismo, como a profissão responsável por</p>	<p>Reavaliação da ideologia do jornalismo como um informante, uma profissão de “serviço público” (Deuze, 2005).</p>	<p>Ver Ocorrência 01.</p>

<p>informar o público, se mantém, mas “como princípio, como meta”, e não como prática do cotidiano.</p> <p>“Na prática, quando eu escrevo sobre política me questiono até que ponto aquilo que escrevo é interessante para o leitor”.</p>		
<p>26. Esboça planos para o futuro</p> <p>“Pretendo voltar a estudar, fazer mestrado. E pretendo, daqui a alguns anos, dar aula. O jornalismo é parte da minha vida, mas não é a minha vida, entendeu?”</p>	<p>Avaliação da experiência biográfica sugere a necessidade mudança e a escolha de uma nova carreira.</p> <p>Rejeição à ideologia da profissão, à ideia do jornalismo como uma espécie de “segunda pele” do profissional (Travancas, 1992).</p>	<p>Não há dados conclusivos sobre a satisfação dos jornalistas na profissão. Mick e Lima (2013) constataram que 84% dos jornalistas de mídia se declaram satisfeitos ou muito satisfeitos com a experiência de trabalho, algo próximo à proporção de respondentes que trabalham como professores de jornalismo (82,2%). Pesquisa conduzida no estado de São Paulo por Fígaro (2013), por outro lado, tende a enfatizar o grau de insatisfação dos jornalistas investigados.</p> <p>Pesquisa realizada por Pereira (2014) mostra que a decisão de se tornar professor é vista pelo jornalista como uma mudança mais radical na carreira, pois implica no ingresso em outro mundo social (o universitário) e na aquisição de novas competências (pós-graduação, experiência docente, etc.).</p>

Discussões e considerações

Difundida e refinada durante a “idade de ouro” da pesquisa qualitativa, nos anos 1950-1960, a entrevista em si foi retomada como uma metodologia que reúne flexibilidade e boa capacidade de explicação. Sua utilização, contudo, pressupõe uma reflexão em torno do desenho metodológico da pesquisa e a forma como as narrativas dos informantes serão interpretadas durante o processo de codagem e análise dos dados. Essa discussão permeia a análise da entrevista trabalhada neste artigo. A partir dela, podemos tecer algumas considerações:

a. Primeiro, do desenho metodológico à realização das inferências, recomenda-se a utilização de categorias de análise capazes de funcionar como um ponto de encontro entre a subjetividade do relato individual e as propriedades macrosociológicas do objeto analisado.

b. Mas também devem servir de interstício entre as categorias do pesquisador e do informante. Prender-se demasiadamente ao relato do entrevistado pode resultar em trabalhos demasiadamente descritivos. Partir de categorias exógenas durante a análise pode levar a um descolamento entre a teoria, as conclusões do pesquisador e o objeto empírico.

c. Estratégias de triangulação de dados e de agregação qualitativa têm um dupla função: de desconstrução do discurso do entrevistado e capacidade de objetivação dos dados e de produção de resultados mais ou menos generalizáveis. Mas, nesse processo, o pesquisador realiza ainda um trabalho de dupla verificação: os dados triangulados também não podem ser considerados como realidade objetiva e devem ser eles próprios confrontados pelas inferências feitas pelo pesquisador a partir das entrevistas. Ou seja, desse processo, é possível rever/validar tanto os dados gerados por meio da entrevista de pesquisa como aqueles utilizados no processo de objetivação desses relatos.

d. Finalmente, no que se refere ao jornalista enquanto sujeito-entrevistado, o processo de análise requer atenção especial. O fato dele ser também um especialista no uso da palavra e se utilizar da entrevista como ferramenta de apuração sugere uma capacidade de se antecipar às expectativas do pesquisador e buscar, a todo momento, controlar a gestão da sua imagem pessoal e profissional (Broustal et. al., 2012). Nesse caso, alguns atributos que fazem um bom

jornalista – desconfiança, inquietação, curiosidade – podem também ser utilizados pelo pesquisador durante o processo de condução, análise e interpretação de uma entrevista.

Referências

ADGHIRNI, Z, L. “Informação on-line: jornalista ou produtor de conteúdo?”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 10, 2001, Brasília. *Anais... Compós: 2001, 1 CD-ROM.*

ADGHIRNI, Z, L. “O lugar do jornalista sênior nas empresas de mídia”. 11º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Brasília, UnB, Nov. 2013. *Anais... Brasília: SBPJor, 2013. Disponível em <http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/downloadSuppFile/2467/660>. Acesso em 27/07/2014*

ALLARD, F.; ANDERSON, E. “Etnography”. **Encyclopaedia of Social Measurements**. Vol 01, 2005, pp. 833-843.

BECKER, H. **Art worlds**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1982.

BECKER, H. S. **Outsiders**. Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BROUSTAU, N.; JEANNE-PERRIER, V.; LE CAM, F.; PEREIRA, F. H. “A entrevista de pesquisa com jornalistas. Introdução”. **Sur Le Journalisme**, Vol. 1, n. 01, 2012, pp.14-21. Disponível em <http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/17/12>. Acesso em 17 Jul. 2014

BUCHER, R.; STRAUSS, A. “La dynamique des professions”. In Strauss, A. **La trame de la négociation**. Sociologie qualitative et interactionnisme. Textes réunis et présentés par Isabelle Baszanger. Paris: L'Harmattan, 1992, pp. 67-86.

CASSIDY, W. P. “Variations on a theme: The professional role conceptions of print and online newspaper journalists”. **Journalism and Mass Communication Quarterly**, 82(2), 2005, pp. 264-280.

COOPER, R., TANG, T. “The attributes of career success in Mass Communication Industries. A comparison of current and aspiring professionals”. **Journalism and Mass Communication Educator**, vol. 65 no. 1, 2010, pp. 40-55.

DARMON, M. “La notion de carrière: un instrument interactionniste d’objectivation”. **Politix**, vol. 21, n° 82, 2008, pp. 149-167.

DEUZE, M. “What is journalism?: Professional identity and ideology if journalists reconsidered”. **Journalism** 6(4), 2005, pp. 442-464.

DEUZE, M., MARJORIBANKS, T. “Newswork [editorial]”. **Journalism Theory, Practice & Criticism**, 10(5), 2009, pp. 555-561.

DEVILLARD, V. “Les trajectoires des journalistes détenteurs de la carte de presse entre 1990-1998. La montée de la précarité”. **Communication et langages**, n. 133, 2002, pp. 21-32,.

DUARTE, T. “A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)”. **Cies E-Working Paper**, no. 60, 2009. Disponível em <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf>. Acesso em 27/07/2014

FIGARO, R. “Perfis e discursos de jornalistas no mundo do trabalho”. In FIGARO, R. (Org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013, pp. 07-143.

FRITH, S.; MEECH, P. “Becoming a journalist. Journalist education and journalism culture”. **Journalism** 8(2), 2007, pp. 137-164.

HEINZ, W. R. & KRÜGER, H. “Life course: innovations and challenges for social research”. **Current Sociology**, v. 49, n° 2, 2001, pp. 29-45.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP. **ENADE – 2012. Relatório Síntese: Comunicação Social - Jornalismo**. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2012/2012_rel_comunicacao_social_jornalismo.pdf. Acesso em 17/07/2014

JORGE, T. M., PEREIRA, F. H., ADGHIRNI, Z. L.. “Formación y producción periodística en Internet: desafíos y perspectivas en el escenario brasileño”. **Palabra Clave**, 15(1), pp. 26-53, 2012.

MACHADO, E. “Metodologias de pesquisa em jornalismo: uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação”. **Brazilian Journalism Research**, 6(1), 2010, pp. 10-28.

MAROCCO, B. (org.) **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos.

MENGER, P-M. **Le travail créateur: s'accomplir dans l'incertain**. Paris : Gallimard/Seuil, 2009.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do Jornalista Brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

PEREIRA, F. H. “A study on Brazilian web journalists professional careers”. **Comunicación y Sociedad** (Navarra), v. XXVI, 2013, pp. 127-151.

PEREIRA, F. H. “Três estatutos, uma identidade: comparação das carreiras profissionais de jornalistas, assessores de imprensa e professores de jornalismo em Brasília”. In RENAULT, D.;

PEREIRA, F. H.; MARTINELLI, F.; BELISÁRIO, K. M.; GUAZINA, L. S.; QUIROGA, T. (Orgs.). **Muito além dos meios**. Comunicação Organizacional: desafios e interfaces. Brasília: Ed. UnB, 2014, pp. 61-77.

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L.. “O jornalismo em tempo de mudanças estruturais”. **In Texto**, 24(1), 2011, pp. 38-57.

PEREIRA, F. H.; LIMA, N. P. O.; TRAVASSOS, P. A.; OLIVEIRA, R. S. “When a journalist decides to be become a PR: an analysis of the university role programs and internships to the careers choices of Brazilian journalism students”. IAMCR 2013 Conference. Crises, Creative Destruction and the Global Power and Communication Orders, 2013, Dublin. *Online Programme*, 2013. Disponível em <http://www.iamcr2013dublin.org/content/when-journalist-decides-be-become-pr-analysis-university-role%E2%80%99-programs-and-internships-care>. Acesso em 17/07/2014

PEREIRA, F. H. ; MOURA, D. O. ; LIMA, A. P. ; PIRES, K. M. . “Journalism students profile and their perceptions of journalism education in Brazil: a comparative analysis”. 3RD WORLD JOURNALISM CONGRESS (WJEC-3), 2013, Mechelen. *Papers WJEC*, 2013. 33 p. Disponível em <http://wjec.be/wp/wp-content/uploads/Pereira-F.-Moura-D.-Lima-A.-Pires-K.pdf>. Acesso em 17/07/2014

PEREIRA, F. H.; NAVES, L. M. “A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas”. **In Texto**, v. 29, 2013, pp. 35-50.

PEREIRA, F. H. ; SOUSA, J. “Valores e cultura profissional dos estudantes de jornalismo em Brasília. Formação e pré-socialização”. 10 ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2012, Curitiba. *Anais.... SBPJor*: 2012, 18 p.

PILMIS, O. “Faire valoir ses compétences: les pigistes et le placement de sujet”. **Formation emploi**, 99, 2007, pp. 75-86.

POUPART, J. “A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas”. In POUPART, J.; DESLAURIERS, J-P.; GROULX, L-H.; LAPERRIÈRE, A ; MAYER, R ; PIRES, A. P (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 215-253.

RUELLAN, D. **Le Professionnalisme du Flou**. Identité et savoir-faire des journalistes français. Grenoble: PUG, 1993.

SENRA, S. **O último jornalista: imagens de cinema**. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

SILVA, C. M. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejetização**. 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1992.

WEAVER, D. H., BEAM, R. A., BROWNLEE, B. J., WILHOIT, C. G. **The American Journalist in the 21st Century**. US people at the down of a new millennium. Taylor & Francis, 2009.

Artigo recebido dia 13 de Agosto de 2014 e aprovado dia 20 de setembro de 2014.